

Brasil novo 'versus' Brasil velho

O esforço de renovação que se expressou na eleição do senador Fernando Henrique Cardoso corre sério risco de encalhar no Congresso Nacional pela simples e boa razão de que o senador José Sarney está firmemente disposto a ser o presidente do Senado (e conseqüentemente do Congresso), contando com o apoio de quantos integram "sua" bancada na Câmara Alta, sejam do PMDB, pertençam a outros partidos. Não pode haver dois tipos políticos mais diferentes do que Sarney e Fernando Henrique — a começar pela forma de vestir-se. Um exerceu o poder durante cinco anos e pouco fez, exceto dar seqüência a uma política de aproximação com a Argentina. No mais, foi o símbolo do antigo e do atraso, mascarado de progresso com a Norte-Sul. Outro se tem caracterizado por ações que recuperam antigas idéias, como, por exemplo, a participação dos trabalhadores nos resultados das empresas (projeto de sua autoria está na Câmara dos Deputados), ou pela compreensão de que é necessário, já que não se faz a reforma da Constituição, flexibilizar os monopólios e atenuar as regras para a concessão de serviços públicos (projeto seu, aprovado no Senado e reformado na Câmara, espera aprovação final na Câmara Alta). Para não falar que o primeiro quase nos levou à hiperinflação, e o segundo é o autor do Plano Real que lentamente vai eliminando as causas da inflação.

Presidente do Senado e do Congresso, José

Sarney terá poderes que lhe permitirão continuar, desejando, a executar em âmbito mais restrito a política do "é dando que se recebe". São tantos os poderes administrativos que terá, que aqueles que não desejam sua eleição já pensam em fazer o casuísmo de reformar o regimento para fazer de Sarney um presidente apenas honorífico, transferindo para as vice-presidências os poderes efetivos. Esses poderes administrativos não são apenas os referentes a autorizar a Gráfica do Senado a imprimir cadernos ou calendários; traduzem-se em poder político de fato — pois, se assim não fosse, a reação à sua candidatura não seria tão grande. Presidente do Congresso, José Sarney será necessariamente o interlocutor do presidente da República na discussão das reformas constitucionais! Será possível imaginar diálogo mais inconclusivo do que entre aquele que se elegeu sempre por São Paulo e quem, para continuar sendo alguém na política depois de findo seu mandato presidencial, encontrou meios e modos de comprovar domicílio eleitoral no Amapá, por onde se elegeu senador? Por esdrúxulo que seja o encontro entre o presidente da República e o presidente do Congresso Nacional, ele terá de acontecer um dia — e o senador Fernando Henrique Cardoso,



então já investido dos poderes presidenciais, terá de ouvir, ponderar, talvez ceder aos argumentos de quem não teve condições de afastar de si a influência nefasta de Ulysses Guimarães, mas terá agora a seu favor o fato de um ex-ministro da Fazenda seu, autor de plano heterodoxo que a nada conduziu, ser personalidade influente junto ao senador Fernando Henrique Cardoso.

Esta é a sina do Brasil: eleito um presidente renovador, o representante do passado, das concessões de meios de comunicação a grupos que poderiam ajudá-lo em sua pretensão de ter mandato de cinco anos em sistema presidencialista, poderá ser o presidente do Senado e do Congresso. Em outras palavras, a renovação feita nas urnas poderá ser frustrada se o senador pelo Amapá conseguir vencer restrições e se eleger presidente do Senado.

A tramitação de reformas constitucionais propostas pelo Executivo, ou mesmo de medidas provisórias editadas pelo presidente da República, está na estrita dependência da interpretação que se dê ao regimento comum da Câmara e do Senado — e as questões de ordem quem as resolve é o presidente do Congresso. Em boa parte para ser o presidente do Senado, em boa medida para manter sua família no do-

mínio político do Maranhão, é que o senador José Sarney se fez o grande cabo eleitoral de sua filha, dizendo-se — como afirmou no estilo de quem veste a mente de um jaquetão vocabular — "chamado à colação", isto é, desafiado a manter o que era tido seu como certo.

Com esse personagem e aqueles que o apóiam — alguns com maior experiência e mais *sabedoria* política — é que o futuro presidente da República terá de se haver para re-

Eleito Sarney presidente do Senado, Fernando Henrique deverá dialogar com o Brasil antigo

realizar o seu programa de reformas, que supõe a mudança de alguns pontos da Constituição, vale dizer, a colaboração de um Congresso Nacional eventualmente presidido por quem, malgrado arroubos nacionalistas que o fizeram decretar a moratória desafiando a comunidade financeira internacional, é no fundo um típico oligarca; alguém que, tendo a possibilidade e o poder de influir na elaboração de uma Constituição moderna, se omitiu para, depois, dizer que ela tornava o Brasil ingovernável...

Eleito Sarney presidente do Senado, o Brasil novo se defrontará com o antigo. Será para isso que se votou em 3 de outubro? Será para assistir às resistências do antigo ao novo?